

NÚMERO 55
1968

ZERO HORA
Século XX

100 FATOS QUE MARCARAM O RIO GRANDE

Amanhã:
A inauguração
da Refap

FOTOS BANCO DE DADOS

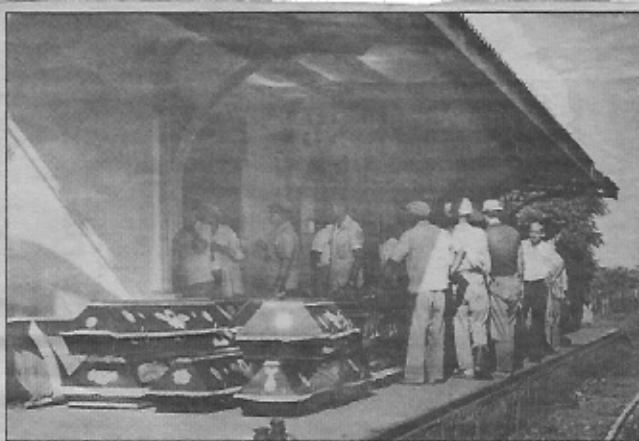
*A MORTE NOS
TRILHOS DE FANFA*

ACIDENTE FERROVIÁRIO DEIXA 48 MORTOS E CERCA DE 60 FERIDOS



O acidente destruiu completamente alguns vagões dos trens

As 17h50min da ensolarada tarde de 27 de janeiro de 1968, um trem misto, transportando passageiros e carga (apelidado de Leiteiro), já se aproximava da Estação de Fanfa, no interior de Triunfo. Para muitos, isso significava motivo de alegria, pois estavam prestes a chegar ao balneário do Rio Jacuí, na localidade de Porto Batista, onde passariam o restante do final de semana. Porém, a menos de cem metros do ponto de desembarque, ocorreu um desastre: a composição colidiu de frente com um trem de carga. Foi o mais trágico aci-



A plataforma da Estação de Fanfa foi transformada num depósito de caixões, onde foram colocados corpos mutilados das vítimas

dente ferroviário da história do Estado, com 48 pessoas mortas.

O cargueiro, carregado com 689 toneladas, trafegava pelos mesmos trilhos

do Leiteiro, em sentido contrário. Dois vagões de passageiros foram atingidos. Vários caminhões foram mobilizados para o transporte de feridos aos

hospitais de quatro municípios vizinhos. Os que se encontravam em estado mais grave eram transportados diretamente ao Hospital de Pronto Socorro, em Porto Alegre.

Enquanto os feridos eram removidos, a população de Porto Batista tomava conhecimento da tragédia. Não demorou para que o local fosse tomado por curiosos, que se misturavam a alguns desesperados familiares de passageiros. Porto Batista, como a maioria dos distritos de cidades do Interior, tinha uma igreja, uma escola e um pouco mais de 50 casas. Seus moradores, que jamais imaginaram que pudessem ser teste-

munhas de uma tragédia com aquelas proporções, ficaram chocados. Além disso, a maioria dos passageiros que moreram residia na comunidade, e praticamente todos se conheciam. Pelas ruas, eram vistas pessoas chorando.

Em meio a tanta tragédia, um milagre. Um menino de apenas dois meses de idade, jogado a vários metros de distância pelo impacto da colisão, foi encontrado sem ferimentos por um soldado da Brigada Militar. O PM levou o menino ao hospital de Montenegro. Lá, a mãe da criança, que recebia atendimento, chorou ao ver que o filho estava vivo.

Numa das cenas mais

dramáticas, a plataforma da estação foi transformada em depósito de caixões, com corpos mutilados. Nem todos os mortos foram identificados, e muitos acabaram enterrados como desconhecidos. Foi decretado luto de três dias. Centenas de missas em homenagem aos mortos lembraram a tragédia, nos anos seguintes.

As discussões sobre a culpa pelo acidente se estenderam por meses. O inquérito policial feito na época indiciou oito pessoas, todos funcionários da RFFSA. Como não houve julgamento antes do prazo de prescrição do crime, nenhum dos indiciados foi condenado.



OS SOBREVIVENTES

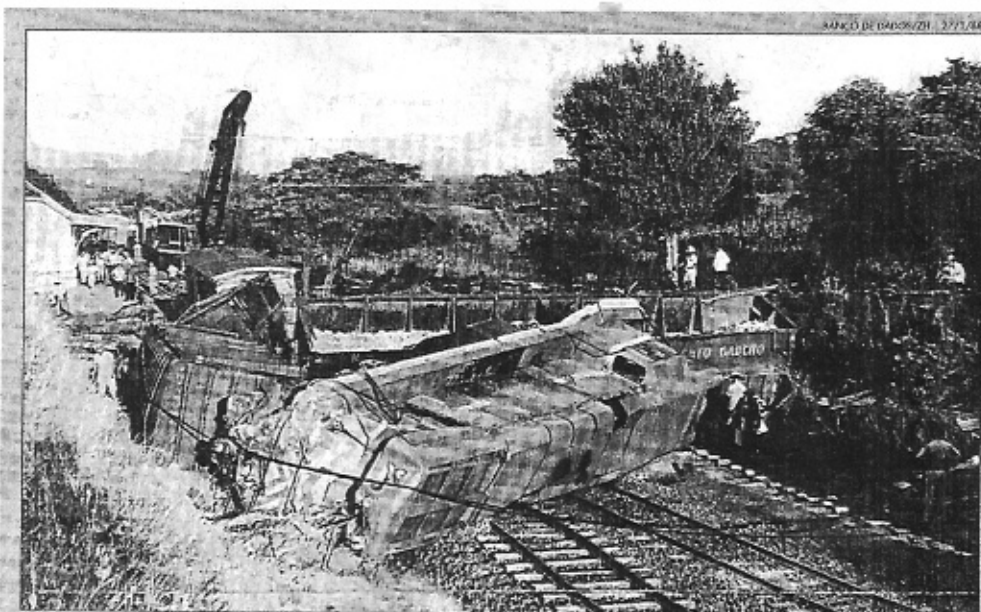
Xavier não sabe como escapou

Era uma tarde ensolarada de janeiro do ano de 1968. O trem leiteiro – apelido dado aos mistos que transportavam pessoas e cargas – se deslocava lotado de passageiros, parte deles animada pela idéia de passar o resto do sábado no balneário do Rio Jacuí, nas proximidades da Estação de Fanfa, interior do município de Triunfo. Menos de cem metros antes de chegar à estação, o “leiteiro” colidiu de frente com um trem de carga: 48 mortos. “Quando consegui perceber o que estava acontecendo, vi pessoas destroçadas”, lembra o professor aposentado Osvaldo Trindade Xavier, 55 anos, um dos sobreviventes. “Uma barbaridade.” Foi o pior acidente ferroviário da história do Estado.

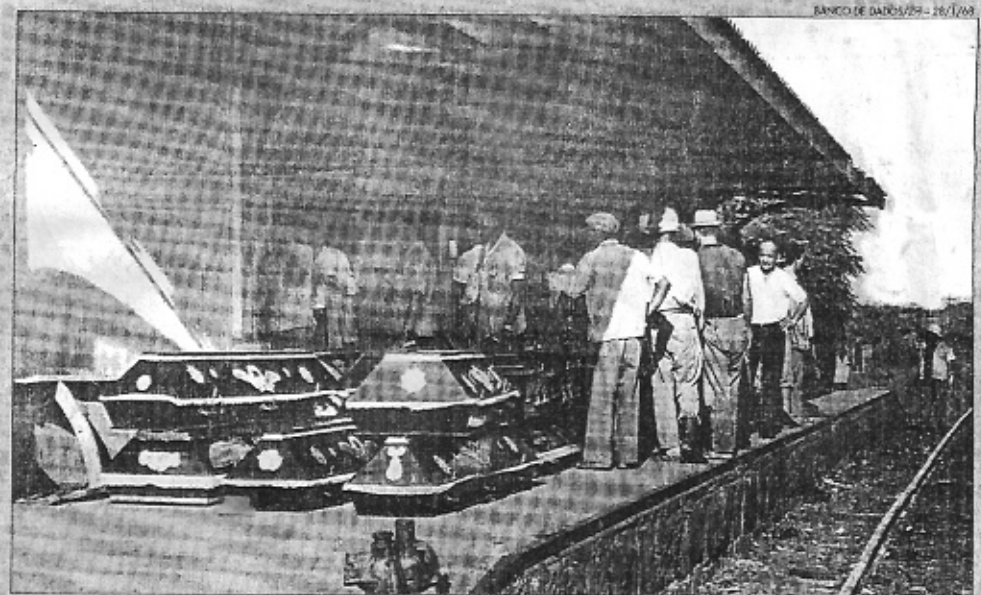
Começando sua carreira como educador na localidade de Pontal, Xavier pegou o trem naquele 27 de janeiro para visitar a noiva Vera Maria, que era filha do agente da Estação de Fanfa. Era ali que ele desceria. Se preparando para saltar, Xavier já estava em pé quando houve a colisão. O cargueiro carregado com 689 toneladas trafegava pelos mesmos trilhos do “leiteiro”, em sentido contrário. Dois vagões de passageiros foram atingidos em cheio. O vagão de Xavier não foi um dos mais destruídos. Ele bateu com a cabeça, ferimento que lhe rendeu a cicatriz desenhada até hoje na testa. As discussões sobre a culpa pelo acidente se estenderam por meses. O inquérito policial feito na época indiciou oito funcionários da Rede Ferroviária Federal. Como não foram julgados antes da prescrição do crime, nenhum dos indiciados pôde ser condenado.

A Estação de Fanfa, localizada no lugarejo chamado Porto Batista, distrito de Triunfo, na época tinha uma igreja, uma escola e pouco mais de 50 casas. A tragédia chocou os moradores por ter acontecido ali, tão perto, e também porque a maioria dos mortos residia na localidade. Pelas ruas, pessoas em pranto choravam o desaparecimento de familiares e amigos. Os mais de 60 feridos foram carregados em caminhões para hospitais das proximidades, e a plataforma da estação serviu como depósito de caixões que escondiam cadáveres mutilados. A tragédia se seguiriam três dias de luto oficial, centenas de missas em homenagem aos mortos e quase três décadas sem esquecimento. “Quando as pessoas assistem a notícias sobre desastres, costumam falar que Fanfa também já foi palco de uma tragédia”, relata Xavier.

O professor casou com a antiga noiva, se mudou justamente para Porto Batista, criou dois filhos e depois de se aposentar passou a trabalhar na prefeitura de Triunfo. Enquanto houve trem de passageiros, ele não teve medo de voltar aos vagões. “Não fiquei com receio, aquilo foi uma fatalidade”. O fim dos trens de passageiros condenou a Estação de Fanfa ao esquecimento, e hoje só duas locomotivas de carga passam por lá. O prédio é o mesmo, os bancos são os mesmos, e a única mudança relevante foi a retirada de um desvio de trilhos que estava localizado a poucos metros da estação e deveria ter sido usado por um dos dois trens que se encontraram naquele sábado de 1968. “Foi uma bobagem tirar o desvio, pois o choque poderia ter ocorrido em qualquer lugar”, diz Xavier, inocentando o único condenado pela tragédia.



BANCO DE DADOS/21 - 27/7/88



BANCO DE DADOS/25 - 28/1/68



MARCO REASA/71

O pior acidente ferroviário do Estado (ao alto) encheu de caixões a Estação de Fanfa (acima). E marcou para sempre a pequena localidade e a vida de Xavier (E): “Quando ocorre algum desastre, as pessoas costumam falar que Fanfa também já foi palco de uma tragédia”